



ARTES DE VIVER EM PAULO GUSTAVO (DONA HERMÍNIA): O SORRISO COMO SUBJETIVIDADE E VERDADE

ARTS OF LIVING IN PAULO GUSTAVO (DONA HERMINIA): SMILE AS SUBJECTIVITY AND TRUTH

Lucas NASCIMENTO¹

RESUMO

O texto aborda questões sobre as “artes de viver” do sujeito Paulo Gustavo em relação à sua conduta no matrimônio e nas “técnicas de vida”. O corpus de trabalho são fotografias disponíveis no *instagram* do ator. O objetivo geral é analisar o sorriso como gesto (sexual?) de resistência. São pontuadas discussões foucaultianas sobre: (1) o sorriso como discurso e acontecimento da sexualidade e da resistência, (2) o princípio estoico de que o casamento é um princípio de aliança; (3) o nascimento do desejo e a qualificação da homossexualidade; (4) o amor e a verdade, a invenção do casal como a realidade de subjetividade e de consolidação de projeto de história(s). Ainda: (5) a resistência como socialização de sexualidades. Em seguida, (6) o amor e o prazer sexual como técnicas referentes à vida. Algumas considerações foram: as audiovisualidades em *Minha Mãe é Uma Peça 3* nos mostra a criação familiar de Paulo Gustavo, por Déa Lúcia encarnada na personagem Dona Hermínia; Paulo Gustavo nos ensinou o contrário do desejo reprimido; os sorrisos dos quatro sujeitos envolvidos nas fotografias têm a garantia de felicidade, desejo, união e amor. Em especial, as condutas sexuais como experiência das vidas de Paulo Gustavo e seus entes familiares são exemplos de projeto da história da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE

Paulo Gustavo. Artes de viver. Sorriso. Sexualidade. Casamento homoafetivo.

¹ Doutor em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Labedis (Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som) do Museu Nacional/UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4627-8991>
E-mail: drlucasdonascimento@gmail.com



ABSTRACT

The text addresses questions about the “arts of living” of the subject Paulo Gustavo in relation to his conduct in marriage and in the “techniques of life”. The corpus of work are photographs available on the actor’s *instagram*. The general objective is to analyze the smile as a (sexual?) gesture of resistance. Foucauldian discussions are punctuated on: (1) the smile as a discourse and event of sexuality and resistance; (2) the stoic principle that marriage is a principle of alliance; (3) the birth of desire and the qualification of homosexuality; (4) love and truth, the invention of the couple as the reality of subjectivity and the consolidation of a history project(s). Also: (5) resistance as the socialization of sexualities. Then, (6) love and sexual pleasure as techniques related to life. Some considerations were: the audiovisualities in *Minha Mãe é Uma Peça 3* show us the family creation of Paulo Gustavo, by Déa Lúcia incarnated in the character Dona Hermínia; Paulo Gustavo taught us the opposite of repressed desire; the smiles of the four subjects involved in the photographs are the guarantee of happiness, desire, union and love. In particular, sexual behavior as an experience in the lives of Paulo Gustavo and his family members are examples of a project in the history of sexuality.

KEYWORDS

Paulo Gustavo. Arts of living. Smile. Sexuality. Same-sex marriage.

INTRODUÇÃO

*É a Rainha da Balbúrdia que chegou
Pra balançar
O meu canto é de fé em nós
Minha força é a nossa voz
A resistência
A resistência*

(Daniela Mercury, ‘Rainha da Balbúrdia’, Álbum *Perfume*)

Este texto teve parte de sua elaboração para a conferência “Artes de viver: técnicas de si, fantasia e cultura”², do Quinto encontro do *Seminário*

² Confira Nascimento (2021a). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lxOCaVQJX8Y&t=435s>



Subjetividade e Verdade, no dia 23 de agosto de 2021, uma segunda-feira, às 19horas. O evento foi realizado pelo Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (LABEDISCO/CNPq), coordenado pelo Prof. Dr. Nilton Milanez, e o Grupo Linguagem, Sociedade e Produção de Discursos (LINSPP/CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Carla Luzia Carneiro Borges, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/Bahia). O evento ocorreu para celebrarmos os 40 anos das aulas do curso ‘Subjetividade e Verdade’, que foram proferidas por Michel Foucault, entre 7 de janeiro e 1 de abril de 1981, no Collège de France, em Paris.

A conferência realizada se pautou no “objetivo de discutir como o autor coloca a questão transversal de quais são as experiências do sujeito das produções de verdade sobre si. Gostaríamos, portanto, de problematizar de que modo somos atravessados por nossa atualidade e como constituímos nossas subjetividades dadas por certas superfícies de saber e exercícios de poder. Entre regulações e desobediências, nos questionamos sob que condições históricas estamos no mundo e de que maneira os engajamentos pessoais de nossas pesquisas se desdobram em acontecimentos no quadro dos Estudos Discursivos Foucaultianos” (*Projeto do Seminário Subjetividade e Verdade*).

O presente texto homenageia o humorista e ator Paulo Gustavo vítima da Covid-19 em maio de 2021. As epígrafes selecionadas são da letra de música ‘Rainha da Balbúrdia’, do álbum ‘Perfume’, de Daniela Mercury. Paulo Gustavo realmente “chegou para balançar” pela sua força ser “a nossa voz” – voz de resistência. “É a Rainha da Balbúrdia que chegou / Pra balançar”. A música na voz da artista Daniela Mercury é eleita, aqui, pelo símbolo de luta, sexualidade e resistência, assim como o talentoso Paulo Gustavo nos simboliza. E a palavra perfume título do álbum em que a música pertence instiga a nossa memória lembrar a beleza e a felicidade, o cheiro e o amor



de Paulo Gustavo. Ainda: a música se intitula como forte crítica ao então Ministro da Educação em abril de 2019 por falar que na universidade se tem muita balbúrdia³.

Este texto é livre, democrático, plural e repleto de afetos pessoais e acadêmicos. A atenção dada investe em questões sobre as “**artes de viver**” do sujeito Paulo Gustavo: como são as artes de conduzir-se na sua vida matrimonial e nas “**técnicas de vida**” (o modelo de sua conduta e seus princípios de valorização)? São questões sobre subjetividade e verdade.

Para Foucault (1980-1981), as artes de viver são o conjunto de prescrições filosóficas, morais, médicas e tecnologias que possibilitavam as modificações de si mesmo necessárias e suficientes para, por um lado, aceitar esses modelos de comportamento e, por outro lado, manter em sua vivacidade o velho esquema de valorização das condutas. Por exemplo, o comportamento das famílias da aristocracia (tanto grega como romana) enfatizava o casamento como um sistema de alianças. É um modelo centrípeto que vai do campo para as cidades, da província para as metrópoles, das províncias do Império para a capital, das classes menos favorecidas para a elite. Portanto, movimento centrípeto e de baixo para cima.

Amparo a discussão em *Subjetividade e verdade*, de Michel Foucault, especialmente. Percorro algumas das reflexões na direção do que foi proposto por Foucault: (a) Uma história das técnicas de si e dos princípios de valorização; (b) A invenção do casal; (c) O problema do discurso em excesso; e (d) O horizonte da carne e a permanência do político.

³ “Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas”, disse Weintraub em entrevista exclusiva publicada na edição do Estado do dia 30 de abril de 2019 (*O Estado de S. Paulo*, por Renata Agostini).



O corpus de trabalho são fotografias disponíveis no *instagram* do ator e recortes da trama *Minha Mãe É Uma Peça 3*. Com o arquivo formado, aqui, ensejo um percurso que mescla a vida de Paulo Gustavo e a arte pela sua personagem Dona Hermínia. Diante disso, o objetivo geral é analisar o sorriso como gesto de resistência na vida do humorista, ator, marido e pai. O sorriso, portanto, é entendido como materialidade significativa do discurso enquanto resistência, além de felicidade, (possível) ironia e (efeitos) estética.

O desenvolvimento do texto está organizado em quatro partes. Primeiramente, em *Paulo Gustavo (Dona Hermínia): artes de viver (e morrer)*, são apresentadas informações, duas fotografias e um cartaz publicitário que fornecem condições do leitor se situar sobre a pessoa e a personagem referidas. Trouxe a vida e a arte na mesclagem em sujeito e literatura-cinematografia. *Minha Mãe é Uma Peça* percorre sentidos de artes de viver, sexualidade e ‘audiovisualidades em mim’⁴. Em seguida, em *O sorriso como subjetividade e verdade*, a discussão teórica apresenta o sorriso como discurso e acontecimento da sexualidade e da resistência, espécie de genealogia da subjetividade do sorriso, segundo os postulados de Michel Foucault.

Depois, em *Paulo Gustavo e marido: casamento e filhos*, três fotografias são analisadas por indícios de regularidades: (1) o princípio estoico de que o casamento é um princípio de aliança, (2) o nascimento do desejo e (3) a qualificação da homossexualidade. Além disso, (4) a defesa de que o amor é a verdade e a invenção do casal é a realidade de subjetividade e de consolidação

⁴ Expressão cunhada por Milanez (2022a) em *Audiovisualidades em mim: autoanálise foucaultiana sobre a homossexualidade infantil e corpo na ditadura*. Aspectos autobiográficos do autor durante sua infância são tratados na obra, como a constituição de sua identidade homossexual durante o período da Ditadura nos anos 1970. Ineditismo, coragem e emoção são marcas identificadas pelo leitor. Outro tipo de perfume.



de projeto de história(s). Ainda mais: (5) da resistência como socialização de sexualidades. Por fim, em *O horizonte da carne e a permanência do político* são pontuadas discussões foucaultianas sobre o amor e o prazer sexual como técnicas referentes à vida, além da relação de “si” com a atividade sexual.

PAULO GUSTAVO (DONA HERMÍNIA): ARTES DE VIVER (E MORRER)

*O axé é o meu canto
O Canto de quem me segue
Meu canto alegre
É o canto do carnaval
É o grito do Bacurau
É a Rainha da Balbúrdia que chegou
Pra balançar
As Bruxas
As Bixas*

(Daniela Mercury, 'Rainha da Balbúrdia', Álbum Perfume)

Fotografias 1 e 2: Paulo Gustavo e Dona Hermínia



Fonte: https://www.guiagaysaopaulo.com.br/public/uploads/imagens/originais/paulo_gustavo_dona_herminia_serie_na_globo.jpg

Acesso: fev/2022



“É a Rainha da Balbúrdia que chegou / Pra balançar / As bruxas / As bixas”.

A primeira fotografia é de Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros, mais conhecido como Paulo Gustavo. Nasceu em Niterói, no dia 30 de outubro de 1978, e faleceu no dia 4 de maio de 2021, aos 42 anos, no Rio de Janeiro, vítima de complicações ocasionadas pela covid-19. Por 50 dias esteve internado. Desde o dia 13 de março ao Hospital Copa Star (Copacabana, RJ), passou pelo Pronto Atendimento 24h, Urgência, Emergência Adulto e, por fim, UTI (*Correio Braziliense*). Foi um ator, humorista, diretor, roteirista e apresentador brasileiro formado pela Casa das Artes de Laranjeiras (RJ).

Algumas informações sobre a biografia circularam na mídia, como a seguir:

A visibilidade nos palcos surgiu no fim de 2004, na época em que integrou o elenco do espetáculo de humor “Surto”, grande sucesso de público e crítica. Interpretava a divertida personagem Dona Hermínia, que se tornaria um dos papéis mais marcantes de sua carreira e que levaria para o cinema e TV.

Formado em janeiro 2005, Paulo Gustavo deixou o elenco da peça para fazer o espetáculo “Infraturas”, em cartaz por nove meses, escrito por Fábio Porchat e com direção da atriz Malu Valle. Ainda em 2005, estreou nos palcos em “João Ternura”, dirigido por Marcus Alvisi. No ano seguinte estreou o monólogo “Minha Mãe É Uma Peça”, escrito por ele com direção de João Fonseca. Paulo Gustavo volta a interpretar a personagem cômica Dona Hermínia, a dona de casa de meia idade que já havia sido apresentada ao público em “Surto”, inspirada na mãe do artista.

(https://www.purepeople.com.br/famosos/paulo-gustavo_p3429)

Com informações sobre a pessoa e biografia, seleciono, aqui, o cartaz (cf. figura 1, a seguir) de um dos seus maiores sucessos. A fama se deu também pela explosão humorística de Dona Hermínia (fotografia 2), “uma mulher de meia idade, divorciada do marido (Herson Capri),



que a trocou por uma mais jovem (Ingrid Guimarães). Hiperativa, ela não larga o pé de seus filhos Marcelina (Mariana Xavier) e Juliano (Rodrigo Pandolfo), sem se dar conta que eles já estão bem grandinhos. Um dia, após descobrir que eles consideram ela uma chata, resolve sair de casa sem avisar para ninguém, deixando todos, de alguma forma, preocupados com o que teria acontecido. Mal sabem eles que a mãe foi visitar a querida tia Zélia (Sueli Franco) para desabafar com ela suas tristezas do presente e recordar os bons tempos do passado.” (<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-263769/>)

As audiovisualidades (MILANEZ, 2019; 2022b) em *Minha Mãe é Uma Peça 3* é a produção “[...] de um cuidado de si, sob a forma concebida no quadro da cultura helenística, firmando para nós, sujeitos, um modo de conhecimento em direção à preocupação consigo próprio” (MILANEZ, 2022b). Segundo o autor mencionado, ao pensarmos as audiovisualidades de filmes, no caso o filme em cartaz, a seguir, é entendermos o ocupar-se de si mesmo e seus domínios. Em questão, Dona Hermínia está frente a práticas libertárias do filho que, no enredo cinematográfico, casa-se com seu namorado. Dona Hermínia conta a história da invenção do casal homoafetivo vivido no papel de seu filho. A trama mescla fios discursivos entre Dona Hermínia, o casamento do seu filho e o próprio ator Paulo Gustavo. A mesclagem pontua técnicas de dominação históricas (dominação sexual, dominação masculina etc.), que se materializam em imagens e dizeres sobre a mãe Dona Hermínia e seu filho homossexual, por exemplo, além de outros elementos sobre família, a condição humana, a cidade, o condomínio, a relação com o ex-marido e pai de seus filhos retratados na produção ficcional.

Figura 1: Dona Hermínia em *Minha Mãe É Uma Peça 3*.



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-263769/>

Acesso: fev/2022

Após quatro anos com o espetáculo, Paulo Gustavo de despiu de figurino e maquiagem e voltou a subir ao palco em espetáculo solo com o “Hiperativo”, dirigido por Fernando Caruso. No stand-upcomedy,

o ator satiriza o comportamento e as relações humanas, como todas as suas neuroses e paranóias.

Na TV, o comediante fez participações em programas como “Minha Nada Mole Vida”, “A Diarista”, “Casos e Acasos” e “Sítio Do Pica-Pau Amarelo”, ganhando destaque pela atuação no filme e no seriado homônimo “Divã”, protagonizado por Lilia Cabral, no papel do cabeleireiro Reneè. Desde 2011, apresenta o humorístico “220 Volts” no canal Multishow. Segue em turnê com “Hiperativo” e “Minha Mãe É Uma Peça”, espetáculo que rendeu uma adaptação para os cinemas em 2013 e que ganha continuidade em 2015 e 2019.

Ainda na TV, estreou o sitcom “Vai Que Cola”, também no Multishow e que teve versão em filme. Depois vieram o “Paulo Gustavo na Estrada” (2014) e “A Vila” (2017). Já no cinema, atuou também em “Fala Sério, Mãe!” (2017).

Paulo Gustavo oficializou a união com o dermatologista Thales Bretas em dezembro de 2015. Dois anos depois conta que seria pai ao lado do marido através de procedimento de barriga de aluguel, mas um aborto espontâneo ocorre durante a gestação.

Os filhos gêmeos, Romeu e Gael, nasceram em 18 de agosto de 2019. (https://www.purepeople.com.br/famosos/paulo-gustavo_p3429)

Em *Minha Mãe é Uma Peça* (2013; 2019 e 2019), o sucesso reverbera questões em relação à sexualidade, pelas audiovisualidades das artes, do cinema⁵. No que diz respeito à sexualidade, a materialidade da temática apresenta a atualidade do audiovisual (FOUCAULT, 1984a [2008]; MILANEZ, 2019), além da questão do presente (FOUCAULT, 1983a [2010]). A questão do presente seria as artes de viver do casal homossexual, a homoafetividade e as produções biológicas e/ou adotivas do casal, por exemplo.

Sobre o presente e a experiência de si no cinema, esclarece-nos o autor:

Esse conjunto de atitudes diante das audiovisualidades nos introduz, acima de tudo, a uma experiência que o sujeito vive consigo próprio em

⁵ Confira Milanez (2014), em “Foucault e o cinema: para uma breve arqueologia das imagens em movimento”.



relação ao outro. Assim, as audiovisualidades podem refratar em vários primas um pouco sobre o tipo de experiências que parecem constituir o campo de nossas sexualidades (MILANEZ, 2022b, neste *Dossiê*).

As questões ou pontos problematizados por Foucault (1983a [2010]; 1984a[2008]) e Milanez (2019; 2022) reverberam o fazer de certa experiência de nós mesmos. Ou seja: Dona Hermínia vivifica estímulos da vida de Paulo Gustavo pela identificação da história de vida do ator materializada no papel ficcional de seu filho no referido filme. A Dona Hermínia vivifica estímulos da vida de Paulo Gustavo em relação com sua mãe biológica, Dona Déa Lúcia. A vivificação está com um modo de vida das sexualidades. Dona Hermínia está diante da sexualidade do próprio filho, assim como o ator Paulo Gustavo em sua personagem diante de si mesmo, diante de nós mesmos – ele mesmo, o filho, assim como de tantos outros homossexuais. Pensar essas questões, a partir das audiovisualidades de *Minha Mãe é Uma Peça* é pensar o presente, o *como* e o *porquê* estamos vivendo nosso presente, nossa corporalidade sexual, nossa ‘invenção de casal’ (veremos mais adiante).

A seguir, vejamos o sorriso presente nos corpos de Paulo Gustavo, de seu marido, Thales, e de seus filhos Romeu e Gael. O sorriso como a prática de uma cultura de si, como regime de verdade de uma pedagogia que estabelece a resistência como estilística da desobediência e novas práticas de libertação do corpo.

*O meu canto é de fé em nós
Minha força é a nossa voz
É A existência
Arte é resistência*

(Daniela Mercury, ‘Rainha da Balbúrdia’, Álbum Perfume)



O SORRISO COMO SUBJETIVIDADE E VERDADE

*Um samba pela liberdade
Um beijo contra a maldade
Carnavalesca ocupação
De um povo que gosta de rebolar
Até o céu
Até o mar
De Um povo que gosta de esperar
Jogando a tristeza pra lá e pra cá
Requebra, requebra
Dança*

(Daniela Mercury, 'Rainha da Balbúrdia', Álbum Perfume)

“Um samba pela liberdade / Um beijo contra a maldade”. Assim foi! O sorriso de Paulo Gustavo em fotografias (exemplo a fotografia 1, acima) é pensado como materialidade do dizível, porque o funcionamento do sorriso abre para o possível, o visível, o invisível, o audível, permitindo resultados como a alegria, a felicidade, a construção de outro sentido quando ao lado, à frente, atrás de alguém. O sorriso apresenta estabilizações de felicidade, alegria, satisfação, prosperidade e desestabilizações do que dói, fere, arranha, machuca e produz tristezas e angústias. O sorriso⁶, sendo assim, administra esses efeitos de sentidos.

Pensemos o sorriso com Foucault (1980-1981), pela história das ‘técnicas de si’ e dos ‘princípios de valorização’. Seria assumir com ele a forma de uma genealogia⁷ da subjetividade do sorriso hoje. Não estaria em um plano

⁶ Em sua tese de doutoramento, Pereira (2019) estuda o sorriso como gesto-sentido, filiado teoricamente ao francês Michel Pêcheux. A tese tem versão em livro (PEREIRA, 2021).

⁷ Confira Courtine (1992) para pensar a genealogia da Análise do discurso e na Análise do discurso.



específico deduzido do “governo dos homens”. Estaríamos pensando com ele em “pôr em evidência um sistema ético estruturado por um jogo de preferências”. Um sistema ético do/pelo/com o sorriso.

O termo “técnicas de si” aparece pela primeira vez na conferência em Berkeley e Dartmouth, em outubro de 1980, de autoria a M. Foucault (doravante M. F.). “Técnicas de si” permite M. F. problematizar um sujeito que não seja simplesmente permeado e informado por governamentalidade⁸ externa, mas construído de uma relação consigo definida, por meio de exercícios regulares. Ou seja: o sujeito assume uma consistência ética (experiência de si mesmo que determina sua relação com o corpo⁹, com os outros, com o mundo). Aí pensamos a consistência ética do sorriso no corpo do sujeito. Por isso mesmo, o sorriso faz pensar em suas expressões na própria história do rosto do sujeito (COURTINE; HAROCHE, 2007).

M. F. reconhece que foi o estudo da problematização da sexualidade na Antiguidade que lhe facilitou a descoberta do campo das “técnicas de si”:

De fato, entre os antigos a sexualidade não constitui, como para os modernos, o fundo secreto de uma identidade psíquica objetivável por um esforço de introspecção ou por saberes positivos. É pensada como uma dinâmica natural que exige um enquadramento por regras de uso e uma dialética ordenada (GROS, 2016, p. 277).

⁸ Nessa época, Foucault e Arlette Farge estavam preparando o volume *Le Désordre des familles. Lettres de cachet des archives de la Bastille au XVIII^e siècle*. (1982) sobre as *lettres de cachet* ou *lettre close* (no Antigo Regime, ordem do rei, secreta e lacrada com seu selo pessoal, transmitindo diretamente ao interessado uma ordem de exílio ou de prisão sem julgamento prévio).

⁹ ‘Corpo’ tratado conforme Foucault (1966; 1975), Courtine; Courbin; Vigarello (2008), Courtine (2011a), Nascimento (2019; 2020a; 2020b; 2021b), Nascimento; Clemente de Souza (2020).



Vejamus que a história clássica da sexualidade analisa de um lado as proibições culturais e, do outro, as tolerâncias práticas, justapondo a descrição do que se diz que é preciso fazer e do que se faz efetivamente. Para M. F., a proibição não é uma grade de leitura pertinente, porque é datada (Idade Média opera a ‘juridificação geral’ dos comportamentos humanos). A leitura pertinente é compreender a partir de qual sistema geral determinado comportamento sexual podia ser valorizado em detrimento de outro¹⁰.

Chegamos no ponto inicial: a leitura do sorriso como comportamento (sexual), que não governa somente introspecção ou saberes (positivos ou negativos), mas podendo valorizar “uma dinâmica natural”, arquitetada “por regras de uso e uma dialética ordenada”. Entendemos melhor o que dizemos com o estudo de M. F. em *Subjetividade e verdade* ao se apoiar essencialmente no texto do século II (*Onorocrítica*¹¹, de Artemidoro).

*Onorocrítica*¹², ou *Oneirocritica*, de Artemidoro, tem o sentido de ‘feminino’ em seu funcionamento epistêmico. Ao sabermos da referência utilizada por M. F., o autor extrai dois grandes princípios (autênticos vetores de historicidade): (1) ‘princípio de atividade’ [a posição passiva no ato sexual será amplamente desqualificada, pois o prazer sexual ‘bom’ é aquele sentido na e pela

¹⁰ Cf. *Aula de 28 de janeiro* e a relação com a “ilusão de código” da *Aula de 4 de fevereiro*.

¹¹ Foucault cita Artemidoro (1975), *La Chef des Songes. Onirocriticon*.

¹² *Oneirocritica* é um tratado grego antigo sobre interpretação de sonhos, escrito por Artemidorus no século II d.C., e é o primeiro trabalho grego existente sobre o assunto, em cinco livros. Os três primeiros livros são dedicados a um Cássio Máximo, um retórico fenício e têm a intenção de servir como uma introdução detalhada para os adivinhos/sonhos e para o público em geral. Os livros quatro e cinco foram escritos para o filho de Artemidoro, também chamado Artemidoro, para lhe servir de grande ajuda sobre os concorrentes, e Artemidoro lhe adverte sobre não fazer cópias.



atividade do homem adulto] e (2) ‘princípio de isomorfismo homossexual’¹³ – o ‘bom’ ato sexual deverá respeitar os desníveis sociopolíticos gerais:

compreende-se então, a partir desse sistema, por que pode ser valorizador para um homem livre, conquanto que mantenha no ato uma posição ativa, ter, mesmo sendo casado, relações com um escravo, mas desvalorizador cometer adultério com uma mulher casada, visto que ela constitui a propriedade de outro¹⁴(GROS, 2016, p. 279).

Nessa ética clássica, a relação sexual entre cônjuges casados é colocada no topo das **hierarquias de valores**: reforça a prosperidade do lar e da cidade inteira, mesmo que sem ser “objeto de uma obrigação exclusiva” (GROS, 2016, p. 279). O questionamento a respeito dos dois grandes princípios pelo estoicismo imperial alterará completamente a **história da subjetividade**.

Cheguemos a outro ponto: o sorriso ter o funcionamento de (1) ‘atividade’ [a posição ativa do homem adulto] e (2) ‘isomorfismo homossexual’ – o ‘bom’ sorriso respeita os desníveis sociopolíticos. Diante disso, relacionamos o sorriso como gesto sexual por administrar a atividade ou passividade, economia ou excesso, conservação ou resistência de sentidos e práticas de si. Com isso, proponho um outro funcionamento discursivo do sorriso: (3) como gesto de resistência e respeito aos desníveis sociopolíticos, estes compreendidos no que se referem à pluralidade de ideias e à diversidade de corpos e sujeitos.

Seguimos para as análises com a materialidade dos sorrisos na “invenção do casal” Paulo Gustavo e Thales.

¹³ Cf. *Aulas de 28 de janeiro, 4 e 25 de março*.

¹⁴ Apreciações diferenciadas e não proibições [jurídicas] – arcabouço sociomental.

PAULO GUSTAVO E MARIDO: CASAMENTO E FILHOS

*O sertão tem afeto, tem coragem
E coração
Somos feitos de sol e música e perfume
Perfume, Perfume, Perfume, Perfume
Requebra, Requebra, Requebra
(Daniela Mercury, 'Rainha da Balbúrdia', Álbum Perfume)*

Fotografia 3: Paulo Gustavo, filhos e o marido Thales



Fonte: <https://paisefilhos.uol.com.br/wp-content/uploads/2021/10/thales-bretas-paulo-gustavo-romeu-gael-filhos.png> Acesso: fev/2022

“Somos feitos de sol e música e perfume”. Somos feitos de Paulo Gustavo e família. A “invenção do casal” é referenciada por M. F., ao estudar segunda série de textos constituída por pequenos tratados estoicos sobre casamento –



fragmentos¹⁵ de Musônio Rufo¹⁶, Hiérocles, Antípatro de Tarso. Esses fragmentos revelam um modelo helenístico e romano de comportamento conjugal em ruptura com a ética clássica [registro de afetos e desejo carnal]. De outra forma de funcionamento, a fotografia 3 acima designa a reconfiguração moral dentro da instituição matrimonial. Invenção de casal homoafetivo. Confisco da sexualidade pelo casal casado, homem Paulo Gustavo e homem Thales. Resultado: amor, felicidade e filhos biológicos pela ‘tecnologia de si’(veremos adiante).

M. F. demonstra em seu curso de 1980-1981 a formulação e a inserção culturais e práticas do modelo conjugal que se impõem já na Roma imperial, amplamente apoiadas e retomadas pelos moralistas estoicos. Aliás, é esse o sentido da aula inicial, que narra a homenagem prestada por São Francisco de Sales, em sua *Vida Devota*, “aos costumes sexuais dos elefantes¹⁷, considerados modelos de virtude e poder conjugais e que haviam recebido elogios análogos dos naturalistas pagãos” (GROS, 2016, p. 280)¹⁸.

Diferentemente dos naturalistas pagãos, a fotografia 3 apresenta o sorriso como gesto sexual de outra ordem, com outras regularidades. Há um embaralhamento das fronteiras entre as éticas sexuais do paganismo e do cristianismo¹⁹. A experiência cristã da carne produz uma ruptura

¹⁵ É objeto da *Aula de 11 de fevereiro*; uma versão mais completa é encontrada na *História da Sexualidade III: o cuidado de si*.

¹⁶ Foucault cita Musônio Rufo (1905), *Reliquiae*, XII: “SurlesAphrodisia”. Confira também Dinucci (2012), estudioso de Musônio Rufo no Brasil.

¹⁷ “O elefante é apenas um animal grande, mas é o mais digno que vive na terra e o que tem mais senso; quero contar-vos um aspecto de sua honestidade: ele nunca troca de fêmea e ama ternamente a que escolheu [...]” (SALES, 1961, p. 117).

¹⁸ O exemplo do elefante sexualmente virtuoso encontra-se em *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*, também em “Sexualidade e solidão” (FOUCAULT, 1981a).

¹⁹ Confira Prata (2021), em “O problema da constituição do sujeito nas *Confissões da carne*: diferenças entre a Filosofia Antiga e o Cristianismo”.

– ela não consiste na promoção de um modelo matrimonial austero e de uma sexualidade sem prazer, mas na reestruturação da relação entre **o sujeito, a verdade e a sexualidade**. M. F. extrai dessa revolução ética representada pelo modelo estoico de casal as três consequências enunciadas: **dessocialização da sexualidade; desqualificação da homossexualidade**²⁰; ‘nascimento’ do desejo.

Seguimos com as fotografias, a seguir.

Fotografia 4: *Paulo Gustavo e Thales Bretas com os filhos, Romeu e Gael*



Fonte: Foto – Reprodução/Instagram

²⁰ Uma obra nessa direção é de Ribeiro (1938). Sobre essa obra, Jocenilson Ribeiro (2021) “apresenta uma análise do livro *Homossexualismo e endocrinologia* (1938), de Leonídio Ribeiro (1893-1976), um clássico estudo do tema da homoafetividade como “inversão sexual”. De viés eugenista e biodeterminista, seus estudos ancoravam-se na Escola Positivista Italiana de Antropologia Criminal fundada por Cesare Lombroso” (RIBEIRO, 2021, p. 142).

Fotografia 5: *Paulo Gustavo e Thales Bretas com os filhos, Romeu e Gael*



Fonte: *Foto – Reprodução/Instagram*

O funcionamento das regularidades nas fotografias 3, 4 e 5 acima indicia o sorriso de satisfação e de felicidade da paternidade, constituição de familiaridade e de intimidade da união e do amor. Tudo pelo nascimento do desejo e do amor como causas da inventividade/criação da família de Paulo Gustavo e Bretas. Inventividade dessa história de subjetividades. Criação. União. Procriação. Felicidade. Diria que as causas são a coragem da verdade e o regime de governabilidade do casal.

Nas fotografias 3, 4 e 5, há repetição de imagens e repetição dos discursos dessas imagens: invenção do casal homoafetivo e a família homoafetiva. A intericonicidade (COURTINE; MILANEZ, 2005; MILANEZ, 2013; 2015; KOGAWA, 2015) sematerializa nessas três imagens por significar a constituição da presença de dois adultos que se desejam e se amam e a sua produção, isto

é, dois filhos. A intericonicidade se materializa nessas imagens pela repetição do discurso de luta para a formação de família homoafetiva. Essas imagens tem relação com outras imagens de outros casais homossexuais na condição de seus casamentos e de suas paternidades, invenção de famílias homoafetivas. O que não há é a repetição com imagens de famílias heterossexuais²¹, por exemplo. Não há um homem e uma mulher – são dois homens.

O funcionamento discursivo da memória das imagens (MILANEZ, 2013) nos dizem por si sobre a coragem de Paulo Gustavo e Thales e a verdade e seu regime em respeito à constituição de casal, pela união e amor de dois homens. As imagens nas fotografias referidas são “materialidades da paixão” (MILANEZ, 2011), por sentidos do olhar e dos sorrisos indiciarem uma semiologia²² do corpo – corpos de dois homens casados e corpos de dois meninos filhos biológicos desse casal. Assim, uma sequência de leitura pode ser: corpo, olhar, sorriso e, por conseguinte, casal, família, resistência.

“Requebra (x 8) / Sem medo contra o terror / Requebra (x 8) / Sem medo, eu quero amor / Toma lá / Toma lá dá cá” (‘Rainha da Balbúrdia’, *Perfume*, Daniela Mercury). “*O discurso nada mais é que o testemunho, o reflexo, a imagem de práticas sociais existentes*” – essa proposição vai impelir Foucault para a exposição de sua concepção das relações entre **o discurso verdadeiro e a realidade**²³. Eis a realidade dos sorrisos dos pais acima e

²¹ Uma referência de leitura recente (abril/2021) é *O Pensamento Hétero e outros ensaios*, de Monique Wittig. Uma das mais importantes e influentes escritoras feministas francesas, Wittig argumenta que a categoria “sexo” é em si política e que a heterossexualidade é um regime político forçado.

²² Cf. Courtine (2008; 2011b). Confira também Gregolin (2011), Sargentini (2011) e Kogawa (2015).

²³ Cf. *Aulas de 11 e 18 de março*.



do discurso verdadeiro de ‘invenção do casal’, fruto do nascimento do desejo e da resistência dos dois homens (um humorista/ator e um dermatologista).

O ‘nascimento’ do desejo é exatamente a possibilidade de a socialização da sexualidade e a qualificação da homossexualidade. A extensão da regra matrimonial (regularidade consolidada por séculos) é a justificação ideológica para o real e o elogio da união conjugal que serve apenas para mascarar a perda²⁴ das solidariedades políticas antigas com o desaparecimento das cidades e a instauração do Império, segundo Foucault (1980-1981).

Inicialmente, Foucault enfatiza sua recusa de encontrar no real a razão de ser do discurso que diz a verdade sobre esse real. A verdade é um “**acontecimento**”²⁵ que sobrevém para uma realidade dada. Aproveito, aqui, esse outro ponto – a multiplicação dos tratados do casamento, isto é: o jogo de veridicção deve ser compreendido como *o que acontece ao real* e, mais precisamente ainda, *o que acontece ao sujeito*²⁶. As características básicas dos **jogos de veridicções** são sua inutilidade e sua eficiência.

Para Foucault, a inutilidade dos jogos de veridicção não equivale a sua ineficiência, visto que têm muitos efeitos de realidade ou, melhor ainda, de subjetivação.

A partir do momento em que, numa cultura, há um discurso verdadeiro sobre o sujeito, que experiência o sujeito faz de si mesmo e que relação

²⁴ Esse ponto é material para desenvolvimento em texto futuro.

²⁵ Cf. *Aula 11 de março*.

²⁶ Cf. *Aula de 1 de janeiro*.



o sujeito tem a respeito de si mesmo em função dessa existência de fato de um discurso verdadeiro sobre ele? (FOUCAULT, 1980-1981, p. 14)²⁷.

Cultura, discurso verdadeiro e experiência de si estão entrelaçados e em pleno funcionamento nos sorrisos dos sujeitos Paulo Gustavo, Thales, Romeu e Gael (cf. fotografia 3). Sorrisos que acontecem para o funcionamento de eficiência da ‘invenção do casal’ Paulo Gustavo e Thales e a construção da experiência de família com seus filhos biológicos Romeu e Gael. Diante dessa experiência, a relação dos sujeitos Paulo Gustavo e Thales implica a respeito de si o sentido de casal e família em função da existência de um discurso verdadeiro em decorrência da experiência conjugal, resistência ao discurso e a prática de modelo natural de casamento heterossexual. Com tal fato se justifica a inutilidade dos jogos de veridicção sobre a natureza como única possibilidade de formação do casal/casamento e, em consequência, da formação de família.

A qualificação do casal homoafetivo e sua constituição familiar com os dois meninos dependentes paternos inserem culturalmente práticas diferentes de o modelo conjugal que se impôs desde a Roma imperial, por exemplo, retomada pelos moralistas estoicos. A qualificação se efetiva pela formação, constituição, relação do casal no que diz respeito às condições de produção do casal e da sustentabilidade aos filhos para seu desenvolvimento afetivo, intelectual, psicológico etc.

²⁷ Cf. *Aula de 7 de janeiro*. Exemplos: *A ciência econômica, embora se mostre impotente para a resolução das crises, não cessa de autorizar decisões políticas tomadas em seu nome e que são sentidas por todos. A ciência psiquiátrica talvez não possa curar a loucura, mas alimenta decisões judiciais, administrativas, médicas, e obriga cada indivíduo a construir sua identidade a partir da existência desses enunciados.*



Nessa nova ética, o sorriso imprime a relação sexual entre cônjuges colocando em funcionamento sentidos de família regular e estruturalmente marcada nas **hierarquias de valores** por reforçar a prosperidade do lar e a procriação dos filhos (em outra tecnologia de si: a inseminação artificial com espermatozoides de Paulo Gustavo e Thales), sequência biológica da invenção do casal. A regularidade está de acordo com o discurso que por muito tempo se ancorou para afirmar que o objetivo de família é a produção da espécie, assim, a produção de herdeiros e a sucessão de bens, por exemplo. Vê-se, então, a **história da subjetividade** e a verdade da qualificação da homoafetividade.

O sorriso que não cala nos rostos das fotografias 3, 4 e 5 indicia o encontro da (1) ‘atividade’ [a posição ativa do homem adulto] em invenção do casal(real e realidade) e do (2) ‘isomorfismo sociossexual’ [o ‘bom’ sorriso respeita os ‘desníveis’ sociopolíticos construídos por instituições que julgam o que é família e o que não é família, o que é casal e o que não é casal]. Os sorrisos nas fotografias, portanto,materializam a verdade do gesto sexual de outra ordem, com as regularidades da biologia progenitora.

A verdade embaralhaas fronteiras entre os julgados desníveis das sexualidade do paganismo e do cristianismo. A verdade apresenta a experiência da carne e a produção de ruptura com o conservadorismo das práticas e dos discursos sobre a formação do casal e da família – a verdade e (d)a subjetividade não consistem na promoção de um modelo matrimonial austero e de uma sexualidade sem prazer. Daí a reestruturação da relação entre **o sujeito, a verdade e a sexualidade**. Eis a revolução ética homoafetiva pela **socialização da sexualidade e qualificação da homossexualidade**.



O sorriso, enfim, enlaça a resistência frente ao modelo matrimonial cristão e a felicidade da invenção do casal pelo desejo (diferente do casal fruto da natureza homem e mulher). Resistência como uma estilística da desobediência (GROS, 2018). O sorriso do casal desobedece ao modelo matrimonial conservador do ato sexual heteronormativo, conservação que concebe o prazer sexual reduzido à natureza da procriação e institui os limites discursivos do “sexo” (BUTLER, 2015), conservação também que promove a manutenção dos preconceitos sociais, dentre eles a homofobia²⁸, por exemplo.

Seguimos para a permanência do político.

O HORIZONTE DA CARNE E A PERMANÊNCIA DO POLÍTICO

O curso dado em 1980-1981 por Foucault propõe algumas análises que serão amplamente retomadas nos volumes II e III de *História da sexualidade* (*O uso dos prazeres* (1984b) e *O cuidado de si* (1984c)). Por exemplo, o estudo preciso de *Onirocrítica*, de Artemidoro (FOUCAULT, 1983b), do *Erotikós*, de Plutarco²⁹, a descrição hipocrática do ato sexual ou ainda a evocação do *Econômico*, de Xenofonte, ou dos tratados sobre o casamento de *Musônio Rufo*, *Hiéroclese*/ou *Antípatro de Tarso*. *Subjetividade e verdade* estuda essencialmente as técnicas de si da Antiguidade através do filtro do casamento e da sexualidade. Este curso problematiza uma inflexão estoico-romana cuja importância, ainda aumentada no ano seguinte (*A hermenêutica do sujeito*,

²⁸ Confira discussões em Nascimento (2020a; 2020b).

²⁹ Foucault cita Plutarco, *Dialogue sur l’amour* (1980), *Les Vies des Hommes Illustres* (Tomo I: *Vie de Romulus*, 1957; Tomo II: *Vie de Sylla*, 1971). Confira também Plutarco (2009), *Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*, tradução portuguesa. Confira o artigo de Witzel (2022) neste dossiê, “Subjetividade e verdade a partir do acontecimento discursivo do amor de Ismenodora”.



em 1982) pela problematização do “cuidado de si”, obrigará tardiamente Foucault a publicar duas obras separadas sobre a ética sexual dos antigos.

O curso de 1980-1981 está sempre esboçando as linhas gerais da experiência cristã e, com isso, deixando entrever a nervura do último volume da *História da sexualidade (LesAveux de lachair³⁰)*, ponto primordial nas discussões presentes neste artigo. A esse respeito, o seguinte ponto é a elaboração de uma técnica de confissão que desdobra a relação do sujeito sexual com a verdade (FOUCAULT, 1980-1981).

É totalmente assente para a espiritualidade antiga que o prazer sexual é um obstáculo para a captação das verdades superiores (sexualidade *ou* verdade). O cristianismo desdobra essa relação ao fazer a ascese purificadora, conservada como horizonte, depender de uma hermenêutica suspeitosa e de uma verbalização exaustiva dos desejos ocultos (verdade *da* sexualidade). Portanto, à luz dessa leitura por Foucault em 1981 dos tratados estoicos sobre o casamento, é preciso considerar que não foi o cristianismo o primeiro a obrigar os indivíduos a uma sexualidade exclusivamente conjugal. Em contrapartida, impôs a eles uma experiência de si a partir da qual se obrigam a dizer a outrem o que acontece com a verdade de seu desejo (GROS, 2016, p. 287).

De 2015 a 2021, o casal Paulo Gustavo e Thales experiencia a verdade do seu desejo, levando a culminância no casamento homossexual, pela motivação do prazer sexual e da verdade do amor homoafetivo entre eles, nascendo, assim, uma família. Para isso, o casal se confessou ao dizer um ao outro o que acontecia com a verdade de seu desejo: o amor e o prazer sexual.

³⁰ O quarto volume da *História da Sexualidade V: as confissões da carne* (FOUCAULT, 1984d), inédito, foi lançado em 2020 em português brasileiro e em 2018 em edição francesa. A obra analisa a experiência cristã do sexo, nos séculos II a V. Explicita as relações entre os primeiros séculos do cristianismo, a Antiguidade e a Modernidade quanto ao modo de pensar o sexo.



Esse desejo foi um dizer verdadeiro, enquanto o desejo como justiça da verdade, como potência entre aqueles que falam e assumem esse dizer (FOUCAULT, 1981b). O dizer verdadeiro é uma forma jurídica, uma forma de saber/poder. É forma jurídica, porque está tanto na constituição histórica de subjetividade no que se refere à relação entre o *dizer verdadeiro* e a *palavra justa* (por isso da justiça ser mencionada), quanto da *confissão*, de confessar aquilo que não quer se calar e não quer mais ser calado – o desejo. Isto é: há deslocamento igualmente histórico daquilo que se cala do que não se cala mais, das técnicas de dominação às técnicas de si, do governo pela verdade à coragem da verdade. A confissão é exame e perícia do nascimento do desejo.

Esse desejo foi uma coragem da verdade (FOUCAULT, 1983-1984), verdade como construção da diferença, porque organiza discursivamente a estrutura dos saberes. O conhecimento de si. Do desejo. Essa coragem apresenta as condições histórico-culturais de existência do sujeito que se mostra pela verdade e pela coragem de confessá-la. De um lado, torna-se possível o conhecimento verdadeiro e, de outro, as transformações éticas do sujeito, estritamente dependente da sua relação consigo e da relação estabelecida com os outros quando do específico dizer-a-verdade. Do seu funcionamento, então, essa coragem da verdade implica em formas de governamentalidade (muito mais que um *poder*) e em técnicas de subjetivação (muito mais que dedução do *sujeito*). A ética do novo sujeito é resultante da coragem da verdade. Essa ética está no imbricar-se confissão e cuidado de si. Coragem é um cuidar de si.

Esse desejo foi a confissão da carne (FOUCAULT, 1984d). Foi o sexo incitado a se confessar. Ao invés de reprimir o sexo, o amor implicou as artes de Paulo Gustavo e Thales conduzirem-se na vida matrimonial (de acordo com técnicas singulares referentes à vida). Técnicas de vida compreendidas, de um



lado, como um modelo de conduta, de outro, como princípios de valorização do casamento, do matrimônio (FOUCAULT, 1980-1981). Da estética do prazer como resultado do uso dos prazeres e do cuidado de si (visto da Antiguidade grega e romana por Foucault), o surgimento do prazer sexual se mostra a que veio neste mundo pelo nascimento do desejo de amar e ser amado. Pelo nascimento do sujeito de desejo corajoso em exibir a sua verdade por sorrisos que pulsam do próprio corpo sexual, sexuado, sexualizado. Assim Paulo Gustavo e Thales, com *Romeu e Gael*, verdadeiramente mostra(ra)m a saída de mecanismos dominadores da sujeição para a autoria dos próprios modos de subjetivação como saída criativa.

Então, chegamos ao próximo ponto: o amor como técnica de vida matrimonial. Amor como arte de viver. Amor como subjetividade. Para Foucault (1980-1981), *subjetividade* é entendida como o conjunto de processos de subjetivação aos quais os indivíduos foram submetidos ou que aplicaram com relação a si mesmos.

Daí a articulação de dois processos:

1. *A tecnologia de si a propósito dos prazeres sexuais*, vemos aparecer a formação de uma ligação singular, permanente, subjetiva, entre o indivíduo e seu próprio sexo enquanto princípio de atividade. Para os gregos³¹, a atividade são atos caracterizados pela violência do desejo que os permeia, pela intensidade do prazer que o indivíduo sente e pelo fato de ser uma atividade que corre o risco de escapar de si mesma e perder seu controle. “Portanto: subjetivação da atividade sexual ou passagem de uma subjetivação que tinha a forma de atos para uma subjetivação em forma de relação permanente de si consigo” (FOUCAULT, 1980-1981, p. 256).

³¹ Confira Kogawa (2021), o artigo “No tempo dos gregos era normal”: das confissões da carne ao uso dos prazeres. Revista *Interfaces*, v. 12, n. 03, 2021, pp. 28-38.



2. *Processo de objetivação*: atos naturais. Esses atos são minados por um movimento que era ao mesmo tempo natural e excessivo. Portanto: esses atos requeriam uma medida quantitativa, medida estabelecida por certo regime de utilização. “Temos aí duas noções importantes: a noção de *utilização* e a noção de *regime*” (FOUCAULT, 1980-1981, p. 257).

Esclarece ainda o autor que:

Não está mais em causa simplesmente o indivíduo medir ele mesmo sua própria atividade, e sim operar em si mesmo, tornar-se objeto para si mesmo, de maneira a garantir cuidadosamente essa separação e esse controle. Temos aí o princípio do que poderíamos chamar de *objetivação* (FOUCAULT, 1980-1981, p. 257).

Com o exposto, Foucault nos mostra que, a partir dos dois séculos de nossa era, quase nunca está em questão o sexo, mas a cólera, a ambição, as reações de comportamento, etc. O problema do sexo [do desejo sexual] torna-se a peça central e essencial do exame de consciência algo que aparecerá com as técnicas espirituais dos séculos IV-V no cristianismo. Em Sêneca³², em Marco Aurélio, isso quase nunca está em questão. É a cólera, ou seja, precisamente o problema do status do indivíduo com relação aos outros e do exercício de seu poder sobre os outros que é o objeto essencial do exame de consciência. Ou seja: o controle de si como a condição necessária para que se opere efetivamente a separação entre o sexo-*status* e o sexo-*atividade*, a partir do momento em que é exigida do indivíduo uma relação permanente de si com o princípio de sua atividade sexual. Justamente aqui se tem a divisão de, por um lado, o horizonte da carne e, por outro, a permanência do político, ou seja, a divisão de sentidos – a compreensão do sexo (a natureza)

³² Confira o artigo de Prata (2022) neste *dossiê*, “Subjetividade e verdade: a escrita de si nas cartas de Sêneca a Lucílio à luz de Foucault”.



e da sexualidade (prazer sexual). A permanência do político é a luta pelo respeito à diversidade sexual e à pluralidade de ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Bate na palma da mão pra dançar
Bate na palma da mão que a alegria dança
E a vida não para
Não para não
Nordeste, cabra da peste*
(Daniela Mercury, 'Rainha da Balbúrdia', Álbum Perfume)

“E a vida não para”.

Começamos por Paulo Gustavo e as audiovisualidades em *Minha Mãe é Uma Peça*. Dona Hermínia encarna Déa Lúcia e assim nos mostra a criação familiar de Paulo Gustavo. Cinematografia que mistura realidade e ficção. No cinema, Paulo Gustavo mostrou a existência de um jovem homossexual que se casa com o namorado. Não seria sua própria história vivida no cinema? Certamente, a vida de Paulo Gustavo esteve em consonância com a cultura de si. O ‘si’ se constituiu de menino a homem ator, humorista, diretor, apresentador, marido e pai. Com ambição artística no humor, em especial, sua existência foi política – por uma pedagogia do afeto e da coragem da verdade e do próprio governo de si. Provou “a ética do cuidado de si como prática da liberdade” (FOUCAULT, 1984e, p. 258).

Em atenção dada à sua vida matrimonial (2019-2021) e o período de 2004 a 2021 (ano de sua morte), com algumas fotografias selecionadas, vimos momentos em que histórias foram vividas. A sexualidade em audiovisualidades no cinema e sobretudo na prática de existência de Paulo Gustavo mostrade



que modo uma produção de saber/poder impacta na nossa sociedade, em relação com nossos próprios corpos, dos outros e a dos filhos.

Vejamos, por fim, os seguintes excertos finais da última *Aula* de Foucault (1980-1981):

Vocês estão vendo que sem dúvida seria totalmente imprudente querer fazer uma história da sexualidade que tivesse como fio condutor [a questão]: como e em quais condições o desejo foi reprimido? Ao contrário, é preciso mostrar como o desejo, em vez de ter sido reprimido, é um algo que pouco a pouco foi sendo extraído e emergindo de uma economia dos prazeres e dos corpos; como foi efetivamente extraído dela; como e de que modo, em torno e a propósito dele, cristalizaram-se todas as operações e todos os valores positivos e negativos referentes ao sexo (FOUCAULT, 1980-1981, p. 260).

Justamente o que Paulo Gustavo nos ensinou foi o contrário do desejo reprimido. Contrariamente à repressão, mostrou, demonstrou, provou e reafirmou como o desejo é um algo extraído e emergido “de uma economia dos prazeres e dos corpos” – prazeres do nascimento do desejo, da invenção do seu próprio matrimônio e da sua própria construção e estruturação familiar com Thales, Romeu e Gael. O prazer, a invenção e a construção estruturados pelo amor e pela coragem, pelo governo de si, do marido e dos filhos vivificaram histórias de subjetividades alhures à conservação e manutenção da repressão, do ódio, do machismo, das normas que faliram muitos corpos não-heterossexuais. Aqui, cabe a concordância com Wittig (2021): a heterossexualidade é um regime político forçado e a expressão da identidade de alguém e a liberação de seu desejo exigem a abolição das categorias “homem” e “mulher”. Com a destruição do sistema heterossexual será possível realizar mudanças reais.



Ainda outros dois excertos finais da última *Aula* de Foucault, em *Subjetividade e Verdade* (1980-1981): “O desejo é mesmo efetivamente o que eu chamaria de o transcendental histórico a partir do qual podemos e devemos pensar a história da sexualidade” (FOUCAULT, 1980-1981, p. 260-261) e “[...] ouvimos desenvolver-se, organizar-se, repartir-se em um dispositivo que primeiramente foi o da carne, antes de, muito mais tardiamente, torna-se o da sexualidade” (FOUCAULT, 1980-1981, p. 261).

As fotografias trazidas aqui percorrem sentidos que nos deixam com seus efeitos. Esses sentidos e efeitos ficam na significância de cada leitor, por cada olhar! As mutações³³ do olhar são tanto dos fotografados quando dos leitores dos quatro olhares: *por quem é olhado*, no caso o casal e os filhos, as suas vidas estão em significância pela resistência marcada na luta de existir e pela verdade da constituição do que são hoje (um casal e uma família), além do que são desde o próprio nascimento – sujeitos com desejos. De outro modo, *por quem olha*, o visível é a sexualidade do casal e a formação de família como latência de corpos que são vivificados por estímulos de felicidade, união, alegria e prazer.

Decifrar o olhar é ler o corpo do olhar, a sua corporalidade, ou seja, a direção, a expressão, a emoção de felicidade, de tristeza ou de seriedade, com os efeitos de sentidos do olhar, por afirmação, negação, ódio, violência ou elogio ou satisfação, concordância, ou apoio, entre outros efeitos.

A leitura dos sorrisos dos quatro sujeitos envolvidos nas três fotografias (3, 4 e 5) tem a garantia pelos estímulos de vivificação mencionados. Quando se têm a repressão e a perseguição desses corpos latentes *por quem olha*,

³³ Cf. Courtine; Corbin; Vigarello (2008).

por exemplo, o resultado é ao contrário da vivificação do desejo, isto é, a mortificação da vida. Às vezes, argumentos injustificáveis para a realização da repressão e a perseguição é a defesa de que a virilidade está em crise e há a falência da masculinidade (COURTINE, 2012). É claro que as avaliações pelas palavras “crise” e “falência” estariam para argumentos de sujeitos machistas e homofóbicos, por não realizarem leituras de que a virilidade e a masculinidade de um casal de homens homossexuais estão em outra ordem de funcionamento, com outras regularidades por técnicas de si e com outros sentidos legítimos, implicando em sujeitos sexuais merecedores de respeito pelas próprias lutas de suas formas de existir e significar as próprias vidas.

As condutas sexuais como experiência das vidas de Paulo Gustavo e seus entes familiares são exemplos de projeto da história da sexualidade. Uma história enquanto experiência da prática de si. Práticas e formas de subjetividade que não são pautadas por dominação, repressão/opressão, normatividade do sistema sexual discriminador, exclusivo e excludente. As condições de possibilidade da experiência de Paulo Gustavo promovem encontros de sujeitos que se alegram e se identificam. A história de subjetividade do homem Paulo Gustavo põe em circulação a existência da vida, do amor e do desejo, além dos sentidos de talento, dignidade, respeito e afeto. A sua circulação permite aprendizagem pela pedagogia do afeto e da coragem das condutas do corpo sexual de Paulo Gustavo. Daí, questionamentos e reivindicações conservadoras e repressoras de formas de subjetividade que não cabem mais no caixote “natureza” não tem utilidade pública. O que não tem mais utilidade, descarta-se, porque a servidão da existência é para o respeito, a verdade, o cuidado de si e o prazer. Para isso, o caminho a percorrer é a coragem e as artes de viver. Que venham mais *Minha Mãe é Uma Peça!*



REFERÊNCIAS

ADOROCINEMA. **Minha Mãe é Uma Peça 3**. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-263769/> Acesso em: 25 jan. 2022.

ARTEMIDORO. **La Chef des Songes. Onirocriticon**. Tradução francesa de A. J. Festugière. L. I. Paris: Vrin, 1975.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. (Orgs.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. [1992]. “Uma genealogia da Análise do Discurso”. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do Discurso Político: derivas da fala pública**. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos: Claralus, 2006. pp. 37-57.

COURTINE, J.-J. “Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas”. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (Org.). **Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008. pp. 11-19.

COURTINE, Jean-Jacques. [2011a]. **Decifrar o Corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURTINE, J.-J. “Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário”. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011b. pp. 145-162.

COURTINE, Jean-Jacques. [2012]. “Introdução”. In: COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). **História da Virilidade – A Virilidade em Crise? Séculos XX e XXI**. Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Volume 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.



COURTINE, J.-J.; MILANEZ, N. **Intericonicidade**: entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Registro audiovisual, 2005. Disponível em: <http://grudiorcorp.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html> Acesso em: 04 março. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. [2007]. **História do Rosto**: exprimir e calar emoções. Do século 16 ao começo do século 19. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). [2008]. **História do Corpo** – As Mutações do Olhar: O Século XX. Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine. Tradução e revisão por Ephraim Ferreira Alves. Volume 3. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORREIO BRAZILIENSE. **Paulo Gustavo não tinha nenhuma comorbidade, afirma equipe médica**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/05/4923737-paulo-gustavo-nao-tinha-nenhuma-comorbidade-afirma-equipe-medica.html> Acesso em: 02 fev./2022.

DINUCCI, Aldo. Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo Gaius Musonius Rufus - Fragmenta Minora. **Trans/Form/Ação** (UNESP. Marília. Impresso), v. 35, pp. 267-284, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/CWYjRGk8QLSTFdkRD4D4CJ/?lang=pt> Acesso em: 26 março 2022.

FOUCAULT, Michel. [1966]. **O Corpo Utópico; As Heterotopias / Le Corps Utopique; Les Hétérotopies**. Tradução de Salma Tannus Muchail. Edição bilíngue: português/francês. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. [1975]. “Poder-Corpo”. Tradução de José Thomaz Brum Duarte e Déborah Darrowski. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. pp. 234-243.



FOUCAULT, Michel. [1976]. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. [1980-1981]. **Subjetividade e Verdade**: curso no Collège de France. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. [1981a]. “Sexualidade e solidão”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. pp. 91-101.

FOUCAULT, Michel. [1981b]. **Malfazer, Dizer Verdadeiro**: função da confissão em juízo. Edição estabelecida por Fabienne Brion e Bernard E. Harcourt; traduzido por Ivone Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, Michel. [1982]. **L’Origine de L’Herméneutique de Soi**. Paris: Vrin, 2013.

FOUCAULT, Michel, FARGE, Arlette. [1982]. **Le Désordre des Familles**. Lettres de cachet des archives de la Bastille au XVIIIe siècle. Paris: Gallimard-Julliard, 1982. (Col. “Archives”, 91).

FOUCAULT, Michel. [1983a]. “Aula de 5 de janeiro de 1983 – segunda hora”. In: FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. pp. 25-39.

FOUCAULT, Michel. [1983b]. “Sonhar com seus prazeres. Sobre a “Onirocrítica” de Artemidoro”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética,**



Sexualidade, Política. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. pp. 158-186.

FOUCAULT, Michel. [1983-1984]. **A Coragem da Verdade**: O governo de si e dos outros II. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. [1984a]. “O Que São as Luzes?” In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. pp. 335-351.

FOUCAULT, Michel. [1984b]. **História da Sexualidade II**: Os usos dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. RJ/SP: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. [1984c]. **História da Sexualidade III**: O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. 15. ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. [1984d]. **História da Sexualidade IV**: As confissões da carne. 4. ed. Edição estabelecida por Frédéric Gros; traduzido por Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. [1984e]. “A ética do cuidado de si como prática da liberdade”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. pp. 258-280.

GREGOLIN, Maria do Rosário. “Análise do discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas”. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.;



PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. pp. 83-105.

GROS, Frédéric. “Situação do curso”. In: FOUCAULT, Michel. [1980-1981]. **Subjetividade e Verdade**: curso no Collège de France. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; traduzido por Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. pp. 275-288.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GUIA GAY SÃO PAULO. **Fotos de Paulo Gustavo e Dona Hermínia**. Disponível em: https://www.guiagaysaopaulo.com.br/public/uploads/imagens/originais/paulo_gustavo_dona_herminia_serie_na_globo.jpg Acesso em: 7 fev. 2022.

KOGAWA, João. Qual via para a análise do discurso? Uma entrevista com Jean-Jacques Courtine. Revista **Alfa**, São Paulo, n. 59, n. 2, pp. 407-417, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/CHjR6w63DkgTzWtjbQpK7TM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 11 fev. 2022.

KOGAWA, João. “No tempo dos gregos era normal”: das confissões da carne ao uso dos prazeres. Revista **Interfaces**, v. 12, n. 03, 2021, pp. 28-38. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6934/4922 Acesso em: 12 fev. 2022. DOI 10.5935/2179-0027.20210044

MILANEZ, Nilton. “Materialidades da paixão: sentidos do olhar para uma semiologia do corpo”. In: SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. pp. 100-117.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum**. Language and Culture (Online), v. 1, pp. 345-355, 2013.



MILANEZ, Nilton. “Foucault e o cinema: para uma breve arqueologia das imagens em movimento”. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Org.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EDUFSCAR, 2014. pp. 125-143.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. **Acta Scientiarum**. Language and Culture (Impresso), v. 37, pp. 197-206, 2015.

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades**: elaborar com Foucault. Londrina: Eduel; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades em mim**: autoanálise foucaultiana sobre a homossexualidade infantil e corpo na ditadura. Bahia: Labedisco, 2022a.

MILANEZ, Nilton. Como fazemos a experiência de nossas sexualidades hoje? Corpo, pedagogia e cultura de si em *Girl From Rio*, de Anitta. Revista **Policromias**, Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, *Dossiê Michel Foucault – Discurso, Sujeito, Verdade e Cultura*, 2022b.

NASCIMENTO, Lucas. **Insinuações da Carne**: Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar – por questões de leitura de fotografia digital da *G Magazine*. 2019. 216 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ, 2019. Disponível em: http://www.ppglinguistica.lettras.ufrj.br/images/Linguistica/3-Doutorado/teses/2019/TESE_Final-BIBLIOTECA-UFRJ-L.NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 1 março 2022.

NASCIMENTO, Lucas. Discursos preconceituosos, corpos discriminados: O estranho espelho de “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade” – diz Bolsonaro. **Revista da ABRALIN**, pp. 1-30, 2020a. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1676/1890>. Acesso em: 1 março 2022. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1676>



NASCIMENTO, Lucas. Língua fascista, discurso contraditório: política de misoginia e homofobia. Revista **Heterotópica**, UFU, v. 2, n. 2, pp. 180-197, 2020b. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/56642/30705>Acesso em: 1 março 2022.DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v2n2-2020-56642>

NASCIMENTO, Lucas. Artes de viver: técnicas de si, fantasia e cultura. In: MILANEZ, N.; BORGES, C. L. C. **Seminário Subjetividade e Verdade**. Bahia: Linsp e Labedisco, 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lxOCaVQJX8Y&t=435s> Acesso em: 26 fev. 2022.

NASCIMENTO, Lucas. Leitura de Imagem da *G Magazine*: maldizer, olhar verdadeiro e insinuações da carne. Revista **Interfaces**, v. 12, n. 04, pp. 88-103, 2021b. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6980/5091Acesso em: 20 fev. 2022.DOI 10.5935/2179-0027.20210069

NASCIMENTO, Lucas; CLEMENTE DE SOUZA, Tania. Look reading course of photography by eye tracking. Revista **Linguística** (RIO DE JANEIRO), UFRJ, v. 16, número especial comemorativo. pp. 727-753, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/43734/23388>Acesso em: 1 março 2022.DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a43734>

O ESTADO DE S. PAULO. **MEC cortara verba de universidade por balburdia e já enquadra UnB, UFF e UFBA**. 30 de abril de 2019, por Renata Agostini. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579> Acesso em: 7 fev. 2022.

PAIS&FILHOS. **Paulo Gustavo com o marido e os filhos**. Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/wp-content/uploads/2021/10/thales-bretas-paulo-gustavo-romeu-gael-filhos.png> Acesso em: 7 fev. 2022.



PEREIRA, Diego Henrique. **Sorriso, Discurso e Gesto-Sentido**: do efeito de estabilização à fuga dos sentidos. 2019. 138f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre/MG, 2019.

PEREIRA, Diego Henrique. **(Só)Riso?** O sorriso como discurso: pelo movimento do gesto-sentido. Prefácio de Paula Chiaretti. Campinas, SP: Pontes, 2021.

PUREPEOPLE. **Paulo Gustavo. Biografia**. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/paulo-gustavo_p3429 Acesso em: 25 jan. 2022.

PLUTARCO. **LesViesdesHommes Ilustres**. Tomo I: *Vie de Romulus*. Tradução francesa de Robert Flacelière. Paris: LesBellesLettres, CUF, 1957.

PLUTARCO. **LesViesdesHommes Ilustres**. Tomo II: *Vie de Sylla*. Tradução francesa de Robert Flacelière e Émile Chambry. Paris: LesBellesLettres, CUF, 1971.

PLUTARCO. Dialogue sur l'amour. In: PLUTARCO. **Oeuvres Morales**. Tomo X. Edição e tradução francesa de Robert Flacelière. Paris: LesBellesLettres, CUF, 1980.

PLUTARCO. **Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor**. Tradução do grego, introdução e notas: Carlos A. Martins de Jesus. Editor: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

PRATA, Vilmar. O problema da constituição do sujeito nas *Confissões da carne*: diferenças entre a Filosofia Antiga e o Cristianismo. Revista **Interfaces**, v. 12, n. 03, 2021, pp. 113-125.

PRATA, Vilmar. Subjetividade e verdade: a escrita de si nas cartas de Sêneca a Lucílio à luz de Foucault. Revista **Policromias**, Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, *Dossiê Michel Foucault – Discurso, Sujeito, Verdade e Cultura*, 2022.



RIBEIRO, Jocenilson. Subjetividade e verdade científica no discurso eugenista de Leonídio Ribeiro: “inversão sexual diante dos códigos”. Revista **Interfaces**, v. 12, n. 03, 2021, pp. 142-160.

RIBEIRO, Leonídio. **Homosexualismo e Endocrinologia**. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1938.

RUFO, Musônio. **Reliquiae, XII: Surlés Aphrodisia**. Ed. O. Hense. Leipzig: B. G. Teubner, 1905. (col. “Bibliothecascriptorum Graecorum et Romanorum” 145).

SALES, Francisco de. **Introduction à la Vie Devote** [1609], III, 39. Texto estabelecido e apresentado por Charles Florisoone. Paris: LesBellesLettres, 1961.

SARGENTINI, Vanice. “Contribuições da Semiologia histórica à Análise do discurso”. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. pp. 107-126.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero e Outros Ensaios**. Tradução de Máira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autentica, 2021.

WITZEL, Denise. Subjetividade e verdade a partir do acontecimento discursivo do amor de Ismenodora. Revista **Policromias**, Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, *Dossiê Michel Foucault – Discurso, Sujeito, Verdade e Cultura*, 2022.

